

Dois escritores emigrados

A Diniz Borges

1978 foi um ano fatídico para as Letras portuguesas, com a morte consecutiva de Vitorino Nemésio (20 de Fevereiro), Jorge de Sena (4 de Junho) e Ruy Belo (8 de Agosto), uma ceifadela desmoralizante como poucas. Açoriano dos sete costados, Pedro da Silveira faria notar num suplemento do *Diário de Notícias* dedicado ao arquipélago em meados de Junho que também ali a súbita devastação havia sido inclemente. O que escreveu na despedida a Nemésio, na sua coluna d'*O Diabo* de Vera Lagoa, dispensava-o sobremaneira de repetir-se,¹ preferindo então concentrar-se nas duas outras figuras, muito menos conhecidas do grande público, o luso-americano Alfred Lewis e o luso-brasileiro José Geraldo Vieira, representantes literários, digamos assim, dos «dois grandes rumos do êxodo» (sic).

Outros escritos, anteriores e posteriores, sobre o primeiro estão abundantemente divulgados pelo signatário destas linhas,² mas Pedro da Silveira sequer os repercute por aí além, dando-nos, ao invés, notícia de tentativas editoriais. A novidade absoluta recai sobre a figura de José Geraldo Vieira, conseguindo o nosso investigador literário somá-lo ao rol dos escritores efectivamente natos nos Açores, contrariando a versão oficial ou oficiosa — ainda hoje persistente — do seu nascimento na então capital do Brasil, o belo Rio de Janeiro. Respiga da informação bibliográfica reunida num grosso fichário pessoal — de paradeiro hoje desconhecido... — aquilo que precisa para situar criticamente o autor, cujos livros de edição brasileira mostra ter lido.³ E assim, em breves colunas de jornal lança pistas e dá indicações certas e seguras sobre mais um dos tais Esquecidos da Literatura que desde cedo tentou livrar do Passado.

Vasco Rosa

¹ V. *Só o Esquecido é Passado*, edição de Vasco Medeiros Rosa, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2022, pp. 558-61.

² Da *Grotta* ao *Diário dos Açores*, da *Antologia Breve* a *Só o Esquecido é Passado*.

³ E note-se que não há sequer uma única edição portuguesa da bibliografia deste autor.

Geraldo Vieira e Alfred Lewis (passando por Nemésio)

Entre 10 de Junho⁴ do ano passado e 20 de Fevereiro deste morreram os três maiores escritores contemporâneos nascidos nos Açores: Alfred Lewis, José Geraldo Vieira e Vitorino Nemésio.⁵

Poetas, contistas e romancistas, o segundo e o terceiro, além disso críticos e conferencistas, e Nemésio, mais cronista, ensaísta, biógrafo e historiador, o que me leva agora a juntá-los, filhos das Ilhas, da mesma geração e proximamente mortos, é o não coincidirem as suas vocações criativas nos mesmos géneros literários. Para já, não pretendo fazer nenhuma avaliação em confronto do que deixam e os perpetua. Isso, sem dúvida sedutor para qualquer praticante da crítica, em primeiro lugar não caberia num simples artigo de jornal, mas, de resto, pois me faltam elementos bastantes, exorbita das minhas possibilidades imediatas. Aceitavelmente, só poderia abordar o modo como cada um se identifica com os Açores nos romances em que deles dão testemunho, e não, de José Geraldo Vieira, *Território Humano*, de Nemésio melhor *Mau Tempo no Canal* do que *Varanda de Pilatos* e, de Alfred Lewis, *Home Is an Island*, inquirição porém incompleta, já que deixando de fora os importantes campos da poesia e dos contos dos três e, ainda, o que não é menosprezável porque, além do lado estético, também excluiria, no testemunhal, o como cada um, aqui e alhures, assume a consciência do seu tempo no mundo.

Nascidos em 1895 (José Geraldo Vieira), 1901 (Vitorino Nemésio) e 1902 (Alfred Lewis), isto é, mais ou menos a meio do estirado século em que os Açores vêm sendo uma terra cujos naturais se expatriam em dois termos, tomo-os a retratarem (paradigmas ou símbolos sociais) a diversidade dos destinos dos seus irmãos votados a anónimos. Por conseguinte, faça Nemésio a imagem do que ficou (não é bem, mas tinha, e é o que conta, as condições de ser: como filho de um casal da classe média); enquanto os outros dois (estes filhos de rurais menos de remediados, logo da massa de que se fabricam emigrantes) figuram vividos, um cada, os dois grandes rumos do êxodo: Vieira, o do Brasil, para onde o levaram de colo; Alfred Lewis, o dos Estados Unidos, para onde se foi aos 19 anos.⁶

⁴ 10 de Junho, e não 10 de Janeiro, como por gralha saiu no jornal.

⁵ Pedro da Silveira escreveu «Adeus Nemésio!» no *Diabo* de 28 de Fevereiro de 1978. V. *Só o Esquecido É Passado*, 2022, pp. 558-61.

⁶ Sobre Alfred Lewis, Pedro da Silveira escreveu vários artigos. V. *Só o Esquecido É Passado*, 2022, pp. 390-97.

Como ficou e, por isso, dos três é o único aqui bem conhecido (faz-se de conta...),⁷ deixo já Nemésio. Dos outros, porquanto se cumpriram longe desconhecidos ou quase, uma breve, sumária apresentação.

Suponho que José Geraldo Vieira só colaborou uma vez na nossa imprensa: com um excerto do romance, na *Revista de Portugal*, do seu conterrâneo Vitorino Nemésio (que ainda ignoraria essa afinidade). E quanto a referências, também curto será o saldo: Amândio César consagrou-lhe à obra dois bons ensaios, o primeiro na revista *4 Ventos* (com separata), o segundo, em *Literatura pelo Caminho*, e João Afonso ocupou-se dele em três ou quatro artigos e nótulas no *Diário Insular* (o primeiro artigo, a 26 de Abril de 1955, aduzindo as provas do seu nascimento na Terceira, freguesia do Porto Judeu, a 16 de Abril de 1896); Alexandre Amaral entrevistou-o, para o mesmo jornal açoriano; salvo erro, Gaspar Simões criticou-lhe um romance (*A Quadragésima Porta?*); acrescento raras notícias, a última, no começo de Setembro passado, que morrera. Pouco. E, no entanto, trata-se de um dos grandes romancistas de língua portuguesa, acaso, no Brasil, o maior dos contemporâneos não regionalistas.

Os que conhecem melhor, além das criações, o historial da literatura brasileira moderna lembrar-se-ão de que Vieira geralmente é dado como do Rio e com um ano menos (dia por dia) do que pus. E mais lembrarão que o apresentam «de pais açorianos» umas vezes, «descendendo de aristocratas» outras, ou, conjuntamente, assentando-lhe o dilatado (à caneco de Goa)⁸ nome civil de José Geraldo Manuel Germano Correia Vieira Machado da Costa. Ora isso, em parte «pescado» no *Território Humano* (I.^a ed. 1936), romance aliás com muito de autobiográfico, não passa de mitofagia. E cabe perguntar: como nasceu semelhante patranha? E por que a consentiu o escritor? Ou urdiu-a ele próprio?

Não é precisa grande argúcia para se descobrir nos livros do autor de *O Albatroz*,⁹ relativamente a si, uma personalidade não só complexa, complexionada também. Tudo explicável, me parece, à luz do seu começo de vida consciente: filho de um emigrante sem sorte, cedo órfão de mãe, regressado o pai viúvo à Terceira (onde não tardia a morrer também), foi adoptado, com duas irmãs, por um tio materno e sua consorte brasileira, ricos e sem filhos. Uma adopção que se adivinha, nas meias confissões do escritor, tendente à posse absoluta, a abolir, senão o amor do menino à mãe morta, a ligação ao

⁷ Este aparte («faz-se de conta...») é duma centralidade desconcertante, que vale a pena desenvolver. Não é, todavia, este o lugar para o fazer, nem eu saberia tocar tal viola. Todavia, é assunto que não merece ser esquecido. E há também todo um aqui reinol que se estende — e amplia — num ali arquipelágico.

⁸ «Caneco é o termo que, em Moçambique, designa os católicos com origem na antiga Índia Portuguesa, tomados como *mestiços* num contexto esmagadoramente negro, porém *puros* na sua origem identitária indiana» (Gabriel Mithá Ribeiro, in *Observador*, 26 de Janeiro de 2019).

⁹ Pela primeira vez publicado em 1952.

pai falhado no amanhã da vida. Se nem o apelido deste — Fortuna, como por ironia — lhe ficou!

Claro está que esta meia explicação a dou constrangido, até com ganas de lhe jogar contra o que diz, no *Território Humano*, Cássio Murtinho a José Germano, duplo do autor: «Eu, de genealogias prefiro, em vez duma ascendência, uma posteridade.» Isto no tocante à troca dos humildes antepassados campónios por aqueles outros de solares e brasões; quanto à falsa naturalidade fluminense, suponhamos (só supor) que surgiu como defesa contra o nativismo exacerbado que grassou no Brasil nos anos 20: escritor, querendo fazer carreira, se descoberto «portuga» José Geraldo Vieira estava tramado. Mas, vamos indo...

Não me parece defensável reivindicar Vieira para a literatura açoriana. Criado no Brasil (já notei que para lá foi de colo), brasileiro se lhe formou o espírito, aliás bastante europeísta à conta das estadas no Velho Mundo (França e Alemanha). Não obstante, os Açores, que visitou em 1920¹⁰ e, parece, uma vez mais depois, também têm presença na sua obra: num conto de *A Ronda do Deslumbramento* (1922), no já citado poema de *Mansarda Acesa* (1975) e, menos directamente, na *Carta a Minha Filha em Prantos* (1946). O modo como, di-lo-á este passo do *Território Humano*: «Deixou [o seu duplo, José Germano] os Açores como se saísse dum sonho de sobressaltos e apatias, cheio de contrastes na alma, numa espécie de decepções e de surpresas, e não se acomodou à paisagem nem aos homens, como as folhas se diferenciavam das raízes.» Não é o modo de quem «já não é» da sua terra, mas traz no sangue, sim, mas cujo sentido, do prolongado exílio, perdeu?

Escritor brasileiro (e dos maiores), sem contestação: porque no Brasil se fez. O que, porém, não anula a outra face da verdade: que à nascença a qualidade já nos está dentro — herança.

Diferente é o caso de Alfred Lewis que, como o máximo e melhor da sua obra em inglês, não obstante entra de pleno direito na literatura açoriana. E aqui, em prol do afirmado, o perguntar: Gil Vicente, ou Camões, ou D. Francisco Manuel, todos três com

¹⁰ [Nota do autor.] Melhor dito: a sua Terceira. Saído de Lisboa a 20 de Março, desembarcou em Angra do Heroísmo na manhã do dia 26 e lá permaneceu até 19 de Abril. Tanto da chegada como da partida deu notícias *A União* (29 de Março e 21 de Abril de 1920). Aí seguem: «De visita a esta ilha, sua terra natal, chegou no vapor *San Miguel* o rico capitalista sr. Manuel Correia Vieira Jr., chefe de uma das mais importantes casas de fazendas por atacado no Rio de Janeiro, e que gira sob a firma Caldeira & Cia, sobrinho do estimável cavalheiro desta cidade, sr. Luís Correia Vieira. — Acompanham-no sua ex.^{ma} esposa, sra. D. Elisa da Câmara Vieira, bem como seus sobrinhos, o médico sr. dr. José Geraldo Vieira, formado pela Universidade do Rio de Janeiro, sra. D. Ermelinda Vieira de Castro [irmã do escritor] e seu esposo, o sr. José Hermano de Castro, também sócio da casa Caldeira & Cia. — Também acompanha estes senhores a sra. D. Joana Parreira». — «De regresso ao Brasil, via Lisboa, seguiram no Funchal, com suas ex.^{mas} famílias, os srs. Manuel Correia Vieira Jr., José Hermínio de Castro e dr. José Geraldo Vieira, que de visita vieram a esta ilha».

obras em castelhano, são, assim, castelhanos? E Henrique Caiado, porque prosador e poeta novi-latino, pertence à literatura latina, e nada à portuguesa?¹¹

Certo, a «veste» da ficção de Lewis é, e em excelente estilo, o inglês dos Estados Unidos. Mas a temática dela, mesmo quando em ambientes californianos, e a sensibilidade são açorianas, sempre enraizados o autor onde nasceu — na Fajãzinha das Flores, a 30 de Abril de 1902. Tão açorianas, insisto, como nos poemas do seu retorno final à expressão portuguesa: os das *Aquarelas Florentinas*,¹² livro que atinava quando morreu (em Merced, Califórnia, na data referida no limiar deste artigo). Disse retorno: porque o escritor, ainda Alfredo Luiz, «nasceu» em português, estreado em 1919 no semanário *O Atlântico*, de Santa Cruz das Flores. Resumindo: poeta e prosador bilíngue, Alfred Lewis — Alfredo Luiz — pertence, enquanto em inglês, quer à literatura americana e à luso-americana. Complicado? Será, para quem de entendimento é do livro único ou dos catecismos mnemónicos.

Filho de camponeses, o pai antigo baleeiro do alto, e na Califórnia, pesquisador de ouro, até aos 19 anos a vida de Alfredo Luiz pautou-se entre a escola primária, as leituras possíveis no seu acanhado meio, os tentames literários e a labita, desde pequenino, nas terras. A mãe desejava-o padre, que de padres gostava pouco, queria e levou avante que fosse para a Califórnia. E ei-lo lá, trabalhador de rancho no Vale de San Joaquín, depois ajudante de cozinheiro em San Francisco, em seguida expedidor e tipógrafo aprendiz da *Hayward Review*, logo redactor da *Revista Portuguesa* e de *O Lavrador Português*. Entretanto, ia colaborando como poeta (ainda parnasiano-romântico) noutros semanários luso-californianos, apurando o inglês, tirando o curso de contabilista. Instala-se finalmente em Los Baños, onde foi juiz, e cerca de 1938, já de nome meio americanizado (Alfredo Lewis), começa a escrever poemas e contos na sua nova língua. Colaborador do semanário literário *The Carmel Schooner Magazine*, não tardou em sê-lo também do *Prairie Schooner Magazine*, onde estão alguns dos seus contos. Em 1951, a Random House, de Nova Iorque, editou-lhe *Home Is an Island*, que obteve grande êxito imediato (*best-seller*) e lhe valeu ingressar na Mark Twain Society.¹³

Home Is an Island (à letra *O Berço É uma Ilha*) é o romance da vida, do nascimento ao fim da adolescência, numa freguesia açoriana, de um moço cujo destino era emigrar para a América. No seu herói, José, retrata-se o autor, e a freguesia onde a acção decorre, Beira dita, é a sua Fajãzinha. Lewis pretendia continuar noutro romance — *A Voice across the Sea* — história de José já na Califórnia, trabalhador dos ranchos e na cidade. Não o

¹¹ Lisboa, 1470. Morreu em Roma em 1509. Como poeta, tido como precursor de Francisco Sá de Miranda.

¹² V. *Aquarelas Florentinas e outras poesias*. Introdução e fixação de textos por Donald Warrin, edição da Direcção dos Serviços de Emigração, Angra do Heroísmo, 1986, 384 pp.

¹³ Fundada em 1930. Formalmente, The International Mark Twain, hoje sediada na Library of Congress, em Washington.

publicou, mas creio ser, retitulado, o deixado inédito *Rockville, California*; enquanto outra sua obra — *Wetbacks* —, será uma recolha de contos.

Influenciado na maneira de narrar pelos grandes mestres da moderna ficção americana (Hemingway, Passos, Faulkner — e cito só os que nomeia numa autobiografia),¹⁴ Lewis não é, porém, um epígono de nenhum deles. Em *Home Is an Island*, como nos contos califórnia-açorianos (por exemplo, «Cowboys and Indians», ou «It's a losing battle», duas verdadeiras obras-primas), depara-se-nos um escritor perfeitamente ele-mesmo, amadurecido — e o que também vale num narrador, rico da própria experiência.

Home Is an Island, que Nemésio foi aqui quem primeiro descobriu (em 1952, numa «leitura semanal» do *Diário Popular*), traz de epígrafe-introdução as primeiras estâncias de «Babel e Sião» de Camões. Na verdade, que mais próprio a definir o desterrado que nenhum desterro pode cindir de donde é?

Só mais isto. *Primo*: um dos sonhos de Lewis era ter a sua obra, começando por *Home Is an Island*, editada em português. Mas punha duas condições, que ambas desagradaram a editores lisbonenses que abordei. Assinar-se Alfredo Luiz e que, em vez de traduções como as de costume, fossem feitas «restituições», isto é, com revisão final sua, postos os textos num português de genuíno sabor açoriano. *Secondo* (já de conta própria): até quando deixaremos que este grande escritor continue ignorado nos Açores e aqui? E também, não haverá jeito de, de cá, se apoiar os na Califórnia empenhados em lhe fazer editar os dispersos e inéditos?¹⁵

Pedro da Silveira

Diário de Notícias, Lisboa, 15 de Junho de 1978, pp. 13-14.

¹⁴ Autobiografia esta escrita a pedido de Pedro da Silveira e publicada no mensário literário *Ler*, de Lisboa, e no jornal micalense *A Ilha*.

¹⁵ Em nenhum dos restantes artigos sobre Lewis é referida essa tentativa editorial, de que se desconhecem protagonistas e consequências.